

# Book Symposium

## MACHADO, UM CÉTICO BRASILEIRO: RESPOSTA A PAULO MARGUTTI E A GUSTAVO BERNARDO

José R. Maia Neto (UFMG/CNPq)

É com grande satisfação que debato o meu livro *Machado de Assis, the Brazilian Pyrrhonian* (West Lafayette: Purdue University Press, 1994) com dois pesquisadores de primeira linha. Gustavo Bernardo Krause, que atua na área de letras, além de profundo conhecedor da obra de Machado de Assis, é um romancista premiado. Meu outro debatedor, Paulo Margutti Pinto, é um filósofo analítico com contribuição relevante para a filosofia brasileira que hoje se dedica à história da filosofia no Brasil. Nesta resposta dirijo-me mais ao comentário do Margutti que contrapõe-se mais ao meu livro, limitando-me a fazer, no final, duas breves observações sobre o comentário do Krause.

O título desta réplica—“Machado, um cético brasileiro”—, responde ao título do Margutti que reproduz em português o título do meu livro publicado em inglês. Como Margutti observa, me arrependi do título em inglês, não porque não ache o pirronismo bastante significativo para o ceticismo na obra de Machado—tese que pretendo defender e ampliar aqui—mas porque ele dá a falsa e não justificada impressão que identifico este ceticismo com o pirrônismo antigo. A impressão é falsa porque não faço tal identificação no meu livro<sup>1</sup> e não justificada porque há uma rica e diversa tradição pirrônica na modernidade que muito embora guarde afinidades com sua matriz antiga de forma alguma se identifica com ela.<sup>2</sup> Seja como for, para evitar mal entendidos, o título da versão brasileira é *O Ceticismo na Obra de Machado de Assis* (São Paulo: Annablume, 2007).<sup>3</sup>

A primeira versão do livro foi minha dissertação de mestrado, elaborada há exatos 20 anos, cujo título sequer menciona “ceticismo”. O título era então “A condição de observador na obra de Machado de Assis”.<sup>3</sup> Este título do trabalho original destaca mais a caracterização de um determinado tipo de personagem, caracterização que vai sendo construída ao longo da ficção machadiana, do que o conteúdo de sua observação e reflexão, que chamo de *perspectiva cética*. Considero este aspecto formal mais relevante do que o de conteúdo, mas mantive “ceticismo” no título da edição brasileira pela relevância desta filosofia tanto na ficção machadiana como no cenário filosófico brasileiro atual. A ênfase numa perspectiva cética adotada por um tipo de personagem é uma das diferenças entre a minha leitura e as de meus debatedores que atribuem—como todos os estudiosos do tema que conheço—o ceticismo na obra ao autor real dos romances: Machado de Assis. Minha abordagem busca dar autonomia à obra em relação ao autor.<sup>4</sup> Evidentemente, como é Machado o criador do personagem cético, não há problema em se referir a Machado como um cético, sobretudo considerando as afini-

dades que podem ser traçadas entre seus textos não ficcionais e a visão de mundo dos seus personagens céticos. Krause apresenta uma proposta interessante neste sentido a qual retornarei no final. O título desta resposta contém ainda uma segunda correção do título da obra em inglês: Machado é *um* cético brasileiro e não *o* cético brasileiro, pois há hoje vários filósofos céticos brasileiros, embora nenhum tão genial como Machado.<sup>5</sup> Faço a seguir breves considerações genéricas sobre a leitura margutiana do ceticismo machadiano e sua relação com a minha leitura. Em seguida reagirei às interpretações dos romances específicos.

## 1. CONCORDÂNCIAS E DISCORDÂNCIAS GENÉRICAS

Começo reconhecendo uma superiodade da interpretação do Margutti em relação a minha: sua contextualização na história das idéias. Reconheço hoje a importância e mesmo a necessidade de se contextualizar o pensamento no mundo intelectual do pensador que o produziu. Hoje sou, como Paulo Margutti, um historiador das idéias filosóficas. Mas era um sociólogo fazendo sua formação filosófica quando elaborei este trabalho sobre Machado. Se não fosse pela dinâmica evolutiva que identifico na ficção machadiana, classificaria hoje o meu trabalho como estruturalista e não histórico, sendo esta uma das razões porque ao invés de pretender tratar do pensamento de Machado, trato de uma articulação e de um desenvolvimento de perspectivas de determinados tipos de personagens em sua obra ficcional. O ceticismo que nela identifico tem por um dos seus fundamentos questões rigorosamente formais internas à ficção machadiana.

Atualmente vejo com grande simpatia a proposta do Margutti de contextualizar o ceticismo presente na obra de Machado no pensamento colonial que ele vem estudando e no qual vem apontando um aspecto cético. Embora não conheça bem este pensamento e precisasse de mais elementos para melhor entender a articulação dos seus três vértices—o cético, o estoíco e o salvacionista—, sinto-me inclinado a achar que tal posição é sim o ponto de partida da ficção machadiana. Os primeiros contos de Machado me parecem coerentes com este pensamento colonial historiado pelo Margutti, pensamento este que Machado teria favorecido em detrimento das novas idéias evolucionistas de sua época. Neste ponto inaugural de sua obra literária, Machado recusa o otimismo das luzes brasileiras (o evolucionismo naturalista de Darwin, o social de Spencer e o positivismo de Comte), apresentando uma versão literária do ceticismo-estoicismo-salvacionismo colonial. Esta posição é lapidar no conto “O Anjo Rafael”.<sup>6</sup> Dr. Antero, protagonista do conto, “morre” para o mundo superficial e hipócrita da vida social, no qual até então se inseria, ao conhecer em condições extraordinárias e se casar em condições igualmente extraordinárias com a personagem Celestina, criada totalmente afastada da corrupção da vida social por um pai louco que se julga o anjo Rafael.<sup>7</sup> Esta personagem ferminina exhibe tal pureza e transparência que resgata o libertino da vida mundana “exterior”, tornando-o um homem de bem voltado para a “paz doméstica”. Entretanto, diferentemente do Margutti, atribuo tal visão somente ao Machadinho dos primeiros contos, peças e traduções, de 1859 a 1872, data da publicação do seu primeiro romance: *Ressurreição*.

A ficção deste período traz uma visão pessimista do mundo com a exclusão do personagem íntegro da vida social viciosa. Esta visão é expressa no ensaio de Victor Henaux

traduzido por Machado: *Queda que as mulheres têm pelos tolos*. Os tolos em questão são indivíduos vazios e imorais que agem estrategicamente, manipulando aparências para obter sucesso sentimental e social. Aqueles que não coadumam com esta vida social depravada, os “homens de espírito”, denunciam a falsidade e imoralidade destas aparências (que são discursivas, gestuais e vestuárias) e ou se tornam loucos e suicidas ou encontram alguma mulher que não tem “queda pelos tolos”, como Celestina, com quem se casam. Na “paz doméstica” do casamento, estes homens de espírito encontram a verdade e a moralidade alternativas à vida social, caracterizada pelo “ruído” e “agitação exterior”. Estes são termos machadianos, tomados de Pascal, cujos *Pensamentos* Machado leu “muito”, “desde cedo” e “não por distração”, como escreve a Joaquim Nabuco ao final da vida (OC III, 939). Há referências explícitas a Pascal e ao Eclesiastes em pelo menos um conto deste período: “Felicidade pelo Casamento”.<sup>8</sup> Os contos deste período enquadram-se bem nas linhas gerais apresentadas pelo Margutti do pensamento colonial: grande pessimismo em relação ao mundo (com um consequente ceticismo sobre a possibilidade de uma vida social ética e verdadeira) com perspectiva salvacionista. O salvacionismo aqui não é literal mas se expressa claramente no universo ficcional machadiano deste período na forma do casamento que é a alternativa de verdade e moralidade à sociedade corrupta. Cito como exemplos o próprio título do conto “Felicidade pelo casamento” e o “Anjo Rafael” que criou Celestina (os nomes não são casuais) totalmente fora da vida mundana, cuja ação salvadora sobre Antero figura a ação da graça. Um outro exemplo que ilustra ainda mais claramente o pessimismo salvacionista colonial é o conto “Fernando e Fernanda” publicado em duas partes no *Jornal das Famílias* em 1866 sob pseudônimo de Máximo.<sup>9</sup> Fernando e Fernanda foram criados juntos no interior—longe da agitação da corte—onde se descobrem apaixonados. Entretanto Fernanda se muda para o Rio de Janeiro e Fernando vai estudar na Europa. Ao voltar, depois de ter preservado o seu amor por Fernanda, Fernando encontra uma mulher totalmente corrompida pela vida social. A sua amargura e desespero se curam quando encontra uma outra mulher (Tereza) que não tem queda para os tolos, com quem se casa e retorna para o interior. Transcrevo a conclusão do conto: “Daí para cá, vai para três anos, o casamento de Fernando e Tereza é um paraíso, em que ambos, novo Adão e nova Eva, gozam da paz do espírito, sem intervenção da serpente nem conhecimento do fruto do mal”.<sup>10</sup> O estoicismo que compõe a tríade do pensamento colonial é, neste quadro, compatível com o pirronismo. Ele é entendido não doutrinariamente, mas somente como uma atitude moral de conformismo com esta realidade social miserável da qual precisamos nos preservar o máximo possível esperando a salvação em outro mundo. Restrito a esta atitude, o estoicismo aproxima-se do pirronismo, como das demais filosofias helenísticas e do próprio cristianismo.<sup>11</sup>

Não considero este “ceticismo” machadiano afinado com o pensamento colonial como já uma primeira versão da perspectiva cética porque a vida social é tratada como o *locus* de falsas aparências e o casamento como o *locus* da verdade. A perspectiva do homem de espírito neste momento é, portanto, ingênua ou dogmática. A perspectiva cética só se instaura na segunda fase quando desaparece esta alternativa do casamento ético para o homem de espírito—que fica progressivamente sem lugar na ficção machadiana—louco, suicida, exótico—com o gradativo desaparecimento das mulheres de espírito entre 1872 e 1878 até o

surgimento da segunda fase, quando este homem de espírito que não mais encontra a verdade e eticidade encontra um lugar alternativo na ficção machadiana: o lugar de observador e narrador cético. Se o surgimento do narrador em primeira pessoa é a condição formal para o surgimento da perspectiva cética, a condição de conteúdo é a transformação do significado do casamento que ocorre entre 1872 e 1878: este não mais aparece como o *locus* de verdade e eticidade alternativo ao ruído exterior da sociedade corrupta, mas como o centro mesmo desta sociedade. Trata-se de uma nova situação exemplarmente exibida nas *Memórias Póstumas* (no triângulo amoroso formado por Virgília, Lobo Neves e Brás Cubas) e no *Quincas Borba* (no triângulo formado por Sofia, Palha e Rubião). Assim, a partir da segunda fase verificamos não uma “Felicidade pelo casamento”, mas a infelicidade do homem de espírito pelo casamento. Suas perturbações não mais se resolvem com a descoberta da verdade (como o dogmático segundo Sexto). Não podendo possuir a verdade, resta ao homem de espírito tornar-se um observador e investigador cético.<sup>12</sup> Assume então o foco narrativo do romance e está aí a íntima conexão entre forma literária e reflexão cética na ficção machadiana.

Não vejo como manter este vínculo entre forma e conteúdo, que é uma maneira segura de se evitar uma instrumentalização da literatura pela filosofia, sem vincular o ceticismo na obra à perspectiva dos homens de espírito desiludidos (que perderam a ingenuidade dogmática) e que assumiram a condição de observadores céticos. No mesmo sentido vai minha resistência em atribuir o ceticismo a Machado, como se pudéssemos sair do plano ficcional literário para uma filosofia do autor. Daí também a não consideração de *Quincas Borba*. Não que ele contradiga a minha tese global sobre a ficção machadiana: o triângulo, a contraposição das perspectivas ingênua e pragmática, a problematização do casamento, etc., nem que este romance não possa ser aproximado ao pirronismo de Sexto como faz Elisa Serpa ou do ceticismo colonial como faz Margutti.<sup>13</sup> Mas nestes dois casos não se trataria mais de uma perspectiva cética interna originada nos contos e romances da primeira fase, mas um ceticismo de Machado.<sup>14</sup>

Outro aspecto da leitura do Margutti que tem também a minha simpatia é a importância que ele dá à ironia e a Erasmo, referências que, confesso, poderiam ter sido mais exploradas no meu trabalho. Não acho, entretanto, que o ironismo se oponha como chave de leitura ao ceticismo (e mesmo ao pirronismo). A passagem do conto “Teoria do Medalhão” citada por Margutti como caracterizando a ironia machadiana corrobora esta minha posição. Trata-se do que o Medalhão deve cuidadosamente evitar: “esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos céticos e desabusados” (OC II, 294). Machado refere-se provavelmente a Sócrates, fonte fundamental do ceticismo grego, em particular da Nova Academia. Além de Sócrates, Timão, figura crucial na divulgação e talvez mesmo na construção do ceticismo de Pirro de Elis, foi um grande satirista dos filósofos dogmáticos. A própria Loucura, que Margutti considera crucial na ficção machadiana, se diz cética no texto irônico de Erasmo: “as coisas humanas são tão obscuras e variadas que nada pode ser claramente conhecido. Esta era a justa afirmação dos *meus* Acadêmicos, os menos insolentes de todos os filósofos” (ênfase adicionada).<sup>15</sup>

A rejeição pelo Margutti da pertinência da referência pirrônica antiga no tratamento do ceticismo na ficção machadiana decorre de uma abordagem pouco nuançada, do tipo “tudo ou nada”, na consideração da questão. Como o ceticismo na ficção machadiana não pode ser *identificado* com o pirrônico antigo (com o que estou de acordo), este é descartado como se fosse irrelevante para a compreensão deste ceticismo. Há afinidades temáticas que tornam pertinente a comparação, desde que não se subordine o ceticismo na ficção de Machado ao pirrônico, o que procurei fazer—não sei se com sucesso—me referindo sempre a uma *perspectiva cética*. Esta é traçada no interior da ficção, aonde cada alteração que a vai progressivamente constituindo—sempre rumo a um ceticismo mais abrangente e refletido—decorre de situações e problemas internos às obras anteriores. O maior problema que vi na proposta do Margutti é que ela não parece dar conta das alterações visíveis que vão se processando na ficção machadiana, em particular da grande modificação que ocorre com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Esta alteração é ininterrupta, começando com os primeiros contos, continuando com os segundos contos e primeiros romances e, já na segunda fase, alterando-se nos diversos romances que—em quatro dos cinco—caracterizam os personagens que adotam a perspectiva cética: Brás Cubas, Dom Casmurro e Conselheiro Aires. Se um “ceticismo salvacionista” pode ser identificado nos primeiros contos, a sequência da obra evolui para formas mais consistentes e sofisticadas do ceticismo. A segunda parte deste texto responde às objeções específicas do Margutti quanto a minha interpretação das narrativas destes personagens-autores.

## 2. BRÁS CUBAS

Brás Cubas é o personagem machadiano que inaugura a perspectiva cética. A novidade formal e de conteúdo representada pelo aparecimento desta perspectiva justifica a divisão da ficção de Machado em duas fases.<sup>16</sup> A condição de observador e autor é a solução para o homem de espírito que tem suas crenças ingênuas demolidas pela realidade. Falo aqui de uma perspectiva cética—a de Brás Cubas—não de um ceticismo pleno. Concordo com Margutti que o pessimismo prepondera sobre o ceticismo, mas somente nesta primeira versão da perspectiva. O Brás Cubas vivo é um ingênuo que fracassa nas suas tentativas de inserção e sucesso pragmático na vida social. O Brás Cubas “defunto autor” (OC I, 511) adota um ceticismo limitado em pelo menos dois aspectos. A primeira limitação do seu ceticismo é a adoção de uma antropologia pascaliana implícita na perspectiva do defunto-autor que exhibe a vaidade humana: grande amor de si que contrasta com o vazio e a miséria. A doutrina pascaliana do “caniço pensante” é citada duas vezes no romance. Ela é citada, primeiro, pelo próprio Brás Cubas como a origem inspiradora da sua própria teoria do homem como “errata pensante” (OC I, 547) e depois por Quincas Borba (OC I, 628).<sup>17</sup> Esta doutrina, herdeira da ignorância socrática, implica certo ceticismo: contrariamente aos dogmáticos (sobretudo os estóicos, no romance caracterizados através do personagem Quincas Borba), a grandeza do homem não está na posse da verdade ou do bem inalcançável neste mundo, mas na consciência da própria miséria. Esta consciência torna-se possível na ficção machadiana quando o desiludido homem de espírito torna-se foco narrativo. Ele não mais é personagem vivo

(pois já não há lugar para personagem comprometido com a verdade e eticidade), mas uma perspectiva, a perspectiva da miséria denunciada sem mistificações pelo defunto-autor. Nesta perspectiva não há qualquer salvacionismo (como nos primeiros contos) e a atitude estética é ainda incipiente. Por exemplo, o foco do defunto-autor é muito menos na beleza e sensualidade de Marcela do que nos aspectos sórdidos da sedução (manipulação, engano, etc), na bexiga que algum tempo depois deforma a bela face da espanhola e, finalmente, na circunstância miserável de sua morte. Quanto à Virgília, há sem dúvida a rememoração estética de sua beleza, mas novamente o foco é nas perturbações da paixão, na dissimulação e imoralidade que ela exigiu. Quando o relacionamento com Virgília chega ao fim, relata que observou ela descer uma escada e resume a substância do seu relacionamento com ela: “Era ... a minha vida que descia pela escada abaixo, — ou a melhor parte, ao menos uma parte cheia de prazeres, de agitações, de sustos,—capeada de dissimulação e duplicidade, — mas enfim a melhor, se devemos falar a linguagem usual” (OC I, 623). O defunto-autor não fala a linguagem usual, mas uma filosófica que denuncia a vaidade da vida.

A segunda limitação do ceticismo de Brás Cubas é sua restrição à valores. Mas aí é totalmente pertinente a comparação com o pirronismo antigo. Em primeiro lugar há sim uma metáfora literária da equipolência no romance: o fato de dois tios do defunto-autor adotarem crenças conflitantes sobre o soberano bem: o tio cônego, afirmando ser o amor de Deus, e o tio militar, afirmando ser o amor da glória. O “peso” igual dos opiniáticos em conflito, representado no fato de ambos serem seus tios, caracteriza a suspensão do juízo pelo defunto-autor que deixa a questão para o leitor decidir (OC I, 513). Em segundo lugar, a crítica evidente aos valores é especificamente pirrônica—ainda que haja semelhança com o estoicismo romano. Uma das explicações que Sexto oferece para a perturbação que o pirronismo quer curar é a crença de que algo é bom ou mal por natureza (PH I, 27-28). No caso específico é o amor da glória a causa dos padecimentos e da perturbação de Brás Cubas. Como defunto-autor ele afirma já não ter esta crença, continuamente frustrada pelo fracasso de todos os seus projetos.

Discordo também que o defunto-autor não pratique uma *zetesis* anti-dogmática. Ele faz uma refutação empírica do dogmatismo do Quincas Borba, o humanismo. É verdade que a *zetesis* do defunto-autor é menos pirrônica e mais pascaliana. Trata-se de uma análise moral ou psicológica que revela os motivos viciosos das ações aparentemente virtuosas ou benéficas. O medo da opinião que feriria o amor próprio preserva o convívio social civilizado evitando que Lôbo Neves se separe de Virgília e se atraque a Brás Cubas. Os amores pecaminosos de Brás e Virgília tirariam D. Plácida da miséria (ao cabo não tiram por causa da intervenção de outras misérias). Estes e outros episódios resumidos na imagem irônica do estrume e da flor são incluídos na autobiografia por um critério filosófico de seleção: o defunto-autor destaca e analisa os episódios da sua vida e da vida das pessoas com quem conviveu que ressaltam a vaidade das ações, paixões e crenças que tentam encobrir o vazio humano, em clara contraposição ao antropocentrismo e divinização do homem do humanismo.

Tenho a impressão que exceto pelas conexões pirrônicas o Margutti estaria em linhas gerais de acordo com esta leitura das *Memórias Póstumas*, embora prefira privilegiar o cético renascentista português Francisco Sanches como fonte de Machado. Acho esta uma pista

interessante, mas que teria que lidar com duas dificuldades. A primeira é o fato de não haver—até onde sei—nenhuma indicação de que Machado tenha lido o *Quod Nihil Scitur*, que não consta na sua biblioteca, nem faz Machado qualquer referência ao cético português.<sup>18</sup> Em contraposição ao caso de Sanches, Machado possuía em sua biblioteca uma edição de 1861 dos *Pensamentos*, além de uma outra dos *Provinciais*.<sup>19</sup> Lia perfeitamente o francês, cita Pascal e os *Pensamentos* por três vezes nas *Memórias Póstumas* (OC I, 547, 602 e 628) e em outros escritos, e declara a Nabuco, como citado acima, que esta leitura foi intensa e desde a juventude. O segundo problema é que o ceticismo de Sanches não costuma ser visto como pessimista/salvacionista em contraste ao do Pascal, mas como anti-aristotélico e favorável a uma ciência experimental e hipotética.<sup>20</sup> De toda forma, curiosamente, Irena Backus apresenta um Sanches pascaliano num artigo ainda inédito que aparecerá em uma coletânea que eu e Gianni Paganini estamos editando.

### 3. DOM CASMURRO

Dom Casmurro é o segundo personagem a adotar a perspectiva cética. Também como Brás Cubas, alcança esta perspectiva após perder sua perspectiva ingênua, rememorada na primeira e mais longa parte da narrativa que trata do seu relacionamento infanto-juvenil com Capitu anterior ao casamento. Assim como o Brás Cubas personagem vivo precisa ser distinguido do defunto-autor, também o autor-casmurro precisa ser diferenciado do ingênuo Bentinho. As diferenças são também dignas de nota, pois apontam para a progressiva constituição do observador: Dom Casmurro já não é tão radicalmente afastado da vida como o defunto-autor. O seu ponto de vista constituidor do foco narrativo é, embora dotado de uma certa objetividade fruto do afastamento, mais situado, portanto mais restrito e cético do que o do defunto-autor. Paralelamente, o mundo da vida ganha uma maior valoração estética se comparado à visão de Brás Cubas. A dimensão estética das reminiscências se faz mais presente e o pessimismo é menos pascaliano (embora também seja pascaliano) e mais montaigneano e cético. Dom Casmurro compara as suas memórias aos *Ensaïos* de Montaigne: “[e]u confessarei tudo o que importar à minha história. Montaigne escreveu de si: *ce ne sont pas mes gestes que j’écris; c’est moi, c’est mon essence*. Ora, há um só modo de escrever a própria essência, é contá-la toda, o bem e o mal. Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim mesmo” (OC I, 978). O livro, como indica o título, é sobre o sue autor ficcional: relata como Bento se tornou Casmurro, assim como o tema das *Memórias Póstumas* é Brás Cubas: relata como Brás se tornou defunto-autor. Uma diferença é que as memórias deste último têm uma dimensão filosófica (no sentido de uma antropologia metafísica) bem mais pronunciada: a autobiografia seleciona os fatos que mostram a miséria da vida,<sup>21</sup> enfim a morte inelutável, ao passo que a do Bento mostra a opacidade e ambiguidade das aparências e a sujeição do homem de espírito à crenças precárias. Assim é que discordo em parte do Margutti que a história narrada “é *mais uma* denúncia ... da miséria e crueldade humanas, no espírito do Eclesiastes” (minha ênfases), pois esta afirmação não deixa transparecer a mudança significativa que ocorre na tematização da miséria. A miséria da vida em *Dom Casmurro* não aparece mais tanto como a precariedade

das coisas (morte, envelhecimento, doenças que deformam a beleza, nascimento e morte prematura do jornal, ausência de filhos, etc), embora haja reminiscências desta abordagem brascubeana como no episódio do Manduca (OC I, 894-896), mas na total dependência do homem de espírito em relação a crenças que não podem ser fundamentadas.<sup>22</sup> Bento vira Casmurro sem que nenhum fato objetivo assegurado tenha ocorrido. A mudança é subjetiva, de perspectiva (da ingênua para a cética). Crenças cruciais (a questão do possível adúltero de Capitu), mas sem fundamento assegurado na realidade das coisas, mudam radicalmente e às vezes rapidamente, causando grande perturbação em Bento. A principal referência filosófica externa à ficção machadiana é novamente Montaigne, para quem os embates entre a Reforma e a Contra-Reforma significam que crenças religiosas estruturantes, mas sem fundamento racional, alteram-se rapidamente e radicalmente, gerando grande convulsão pessoal, social e política.<sup>23</sup>

Em *Dom Casmurro* a perspectiva do observador não é como a de Brás Cubas de denúncia de uma realidade humana viciosa, mas a perspectiva mais propriamente cética do não saber. O observador cético, foco narrativo, não é mais o ex-amante mas o ex-marido. As aparências sociais não são mais claramente falsas mas obscuramente opacas. A situação cética do romance traz grande semelhança com o diagnóstico de Pirro sobre a realidade das coisas. No meu livro comparo a perspectiva cética de Don Casmurro sobretudo com o pirronismo de Sexto. Proporei agora semelhanças com o fundador da tradição, o próprio Pirro.

O fragmento mais importante que relata a filosofia de Pirro é um testemunhado por Timão e preservado por Eusébio que citou uma obra desaparecida de Aristocles.<sup>24</sup> Conhecido como fragmento sobre a indiferença das coisas, afirma que quem quer ser feliz precisa responder a três perguntas: o que são as coisas por natureza, que atitude o sábio deve ter em face delas e o que resultará desta atitude. Segundo Timão Pirro teria dito que as coisas são por natureza igualmente indiferentes, instáveis e inarbitráveis, que a atitude do sábio deve ser então a de não confiança nas percepções e opiniões, e que o resultado desta atitude será, primeiro, o silêncio (*aphasia*) e, em seguida, a tranquilidade (*ataraxia*). Pois bem, Capitu é a personagem de Machado que melhor representa esta realidade das coisas: ela aparece para o narrador como instável (basta lembrar os seus famosos “olhos de ressaca”) e inarbitrável.<sup>25</sup> Assim não posso concordar com as críticas do Margutti quanto à aproximação que faço com o pirronismo antigo. Em primeiro lugar o termo usado pelo Margutti para caracterizar a situação cética do livro em Capitu é perfeitamente consistente com a posição de Pirro sobre a natureza das coisas: inescrutável. Em segundo lugar, Margutti mesmo repete a minha análise do romance afirmando que Bento “estabelece inúmeras equipolências”. Em terceiro lugar, a controvérsia sobre a existência ou não da dúvida sobre outras mentes no pirronismo antigo me parece irrelevante para minha proposição. Reconheço que a questão é polêmica e a minha posição é inclusive que não há ceticismo sobre outras mentes no pirronismo antigo. Talvez se não fosse pelos cétricos modernos, Machado jamais apresentasse tal ceticismo.<sup>26</sup> Mas não acho que tal ceticismo seja incompatível com o pirronismo. O fragmento sobre a indiferença das coisas indaga sobre a natureza das coisas em geral, quaisquer que elas sejam. O fato da subjetividade cartesiana ainda não ser uma realidade tematizada filosoficamente no contexto antigo não a exclui do escopo do fragmento. Capitu e sua subjetividade repre-

sentam exemplarmente esta realidade obscura das coisas e suas consequências para o sábio cético observador, como mostrarei a seguir.<sup>27</sup>

Não somente a resposta à primeira questão do fragmento sobre a indiferença das coisas é exemplificada no romance. A consequência da instabilidade das coisas é que nem nossas sensações nem nossas opiniões nos dizem verdade ou falsidade, logo não devemos confiar nelas. As sensações são justamente rejeitadas quando Bento declara abertamente a Capitu que Escobar não é seu filho: “Assim que, sem atender à linguagem de Capitu, aos seus gestos, à dor que a retorcia, a coisa alguma, repeti as palavras ditas duas vezes com tal resolução que a fizeram afrouxar” (OC I, 935). Como Bento não suportou estas sensações equívocas—tal a intensidade da perturbação que lhe provocaram—, eliminou-as, exilando Capitu na Europa e a si mesmo no Engenho Novo. Uma vez retirado, Dom Casmurro recorda esteticamente as aparências e faz a crítica cética das opiniões mostrando sua falta de fundamento. Margutti afirma que a narrativa do Bento é uma tentativa de justificar sua crença no adultério que inconscientemente “sabe?” ser falsa. Diz, cito, que esta “tentativa é patética porque, à medida que se desenvolve, vai sendo revelada a falta de fundamento epistemológico para a realização da tarefa proposta”.

Mas não podemos esquecer que quem vai revelando esta falta de fundamento epistemológico é o próprio Casmurro. Discordo da estratégia dos críticos que tomam as indicações do texto que dão verossimilhança à hipótese do adultério à Bento e as que dão versossimilhança à hipótese da inocência à Machado.

Esta distinção entre autor real e ficcional, cada um com uma perspectiva diferente e divergente, me parece arbitrária. Um intérprete persuadido do adultério de Capitu poderia igualmente atribuir as indicações contrárias a um ex-marido que resiste em aceitar ter sido traído e as indicações pró-adultério como intervenções do autor-real. Voltando ao fragmento de Pirro, como nem as sensações nem as opiniões são verdadeiras ou falsas, nada podemos dizer (*aphasia*) ou, se formos dizer alguma coisa (como diz Dom Casmurro em suas memórias), devemos dizer que “não mais” a) que Capitu traiu, b) que Capitu não traiu, c) que Capitu traiu e não traiu, d) que Capitu nem traiu nem não traiu. (a), (b), (c) e (d) são equipolentes.

O quadrilema é a única afirmação capaz de expressar a instabilidade e inescrutabilidade com que Capitu aparece para o observador pirrônico. Em que pese a equipolência que ele próprio constrói em sua narrativa, Dom Casmurro afirma (a) no final do seu livro. Trata-se de uma afirmação de tipo ‘fideísta’ quanto a sua forma (evidentemente não quanto a seu conteúdo).

O termo busca indicar que se trata de uma afirmação consciente de sua falta de base epistêmica, não no momento em que Bento formou este juízo, mas no momento em que o reitera quando, já Casmurro, escreve as suas memórias. Bentinho forma o juízo como nós todos o formamos: não por razões filosóficas e bem pensadas, mas por circunstâncias fortuitas, pelo peso de paixões, crenças prévias igualmente gratuitas e outros fatores não epistêmicos. Dom Casmurro mostra na sua narrativa justamente como a vida humana é regida por crenças gratuitas, não fundamentadas nem fundamentáveis, e que portanto só lhe resta—na impossibilidade prática de viver sem crenças—manter a que determinou todo um curso de vida já então irreversível (de maneira semelhante a que Montaigne mantém a

sua crença católica). Por fim, cabe observar que o fideísmo não inclui uma redenção mesmo quando o que é afirmado é a existência de Deus. Não há tal redenção em Montaigne e nem mesmo em religiosos fervorosos como Pascal e Kierkegaard, em quem a crença teísta (fideísta no sentido de não apoiada em provas) convive com grande inquietude e mesmo incerteza existencial.

#### 4. CONSELHEIRO AIRES

Serei breve na consideração do caso do Aires. Trata-se da caracterização final do personagem observador cético. É o único dos protagonistas machadianos a figurar em dois romances, justamente os dois últimos. É o homem de espírito que, depois de uma longa trajetória de pouco mais de 40 anos, finalmente encontra o seu lugar: não integrado no mundo que ele continua rejeitando, mas como observador-participante, adotando uma perspectiva cognitiva cética e estética. Enquanto as perspectivas de Brás Cubas e Dom Casmurro são retrospectivas, a de Aires é presencial, viva.

Considero os aspectos céticos e estéticos de Aires compatíveis porque ambos pressupõem o desinteresse e ambos privilegiam o fenômeno sem buscar transcendê-lo como os dogmáticos. Mantenho minha tese de que embora os elementos estético-cognitivos estejam presentes nas duas narrativas do Aires, estes últimos predominam em *Esau e Jacó* enquanto se equilibram no *Memorial de Aires*. Reconheço que o ceticismo presente em *Esau e Jacó* poderia ter sido mais explorado no meu livro. Não acho, entretanto, que este ceticismo seja claramente da perspectiva da terceira pessoa.

A narrativa ficcional de Aires transparece em vários momentos do romance cuja narrativa, nestes momentos, chega quase a se confundir com a do *Memorial*.<sup>28</sup> Por exemplo, no baile da ilha Fiscal, “o conselheiro tinha visto no rosto da moça a expressão de alguma coisa e insistia por ela... Foi o que ele mesmo escreveu no *Memorial*” (OC I, 1007). O capítulo 55 (“A mulher é a desolação do homem”) é uma reflexão que o narrador apropria de Aires: “Ao despedir-se, fez Aires uma reflexão, que ponho aqui” (OC I, 1017). Vários outros exemplos poderiam ser citados.

Outra discordância: constato um interesse cognitivo de Aires tanto no *Memorial de Aires* como em *Esau e Jacó*. Restrinjo-me aqui a *Esau e Jacó*, que explorei menos no meu livro. Para começar, a caracterização que Aires faz de Flora como “inexplicável” ressalta justamente este aspecto cognitivo cético. Este é, aliás, um outro exemplo—central no romance, diga-se de passagem—em que a perspectiva do narrador identifica-se como a perspectiva da narrativa. Outro exemplo: quando Natividade pede a Aires que se aproxime dos gêmeos para tentar conciliá-los, “considerou que não perdia muito em *estudar os rapazes*” (ênfase adicionada) (OC I, 997). Enfim, penso agora que menos do que ceticismo político, a temática cética fundamental do romance é a crítica ao opiniatismo, sendo a política—como a superstição, outro tema do romance—um campo que propicia esta atitude tão radicalmente contrária à cética encarnada na pessoa do Conselheiro. Já perto do final do romance lemos que “Aires não tinha aquele triste pecado dos opiniáticos; não lhe importava ser ou não aceito. Não é a primeira vez que o digo, mas provavelmente é a última” (OC I, 1084). Aires é claramente *ataraxico* e sua tranqüili-

dade decorre de seu “distanciamento dos partidos” (OC I, 1016), da forma desengajada com que expressa opiniões, enfim do seu “tédio à controvérsia” e do uso que faz das opiniões como pílulas para produzir a tranquilidade.<sup>29</sup> Sua atividade de compor o Memorial enquadra-se perfeitamente na regra pirrônica de se adotar uma arte, como prova o fato de Sexto nada ter contra o ofício dos poetas e escritores, mas somente contra o dos teóricos da poesia e da literatura.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de concluir esta resposta destacando o que considero mais relevante na leitura crítica que Margutti fez do meu livro. São três pontos que, caso viesse a retomar a pesquisa sobre o ceticismo na obra de Machado de Assis, certamente teria de levar em consideração. O primeiro é a pertinência do ceticismo em narrativas escritas em terceira pessoa (como *Quincas Borba* e—em parte—*Esau e Jacó*). Entretanto, neste caso, teria de determinar as relações entre tal ceticismo e a perspectiva cética adotada por determinados personagens, cujas condições prévias, gênese e desenvolvimento traço ao longo da ficção machadiana. O segundo ponto, já indicado, é a conveniência de se contextualizar o ceticismo em Machado na história colonial e imperial do pensamento brasileiro. O terceiro é a indicação de uma possível relevância do ceticismo acadêmico. Verdade que Margutti alude a esta relevância somente para descartá-la, pois a considera incompatível com a atitude estética. Como não concordo com esta incompatibilidade, teria o maior interesse em perseguir esta via acadêmica. Embora continue achando a matriz pirrônica mais fundamental, penso que o probabilismo carnedeano pode ser uma outra chave de leitura cética para *Dom Casmurro*. Quando Dom Casmurro aceita a teoria do tenor que a vida é uma ópera, diz que a “verossimilhança... é muita vez toda a verdade” (OC I, 817). Para Carnéades só podemos contar, do ponto de vista prático, com a verossimilhança ou probabilidade, que é o aspecto ou, como diz Dom Casmurro, “a fisionomia” (OC I, 808) de como as coisas aparecem, uma vez que a verdade está escondida, como teria dito Demócrito, na escuridão, obscurecida pelas opiniões e pela debilidade dos sentidos e da razão.<sup>30</sup> Ora a verossimilhança (de Ezequiel com Escobar) é a questão central do romance. Assim não seria Dom Casmurro um cético acadêmico como Filo de Larissa? Como se sabe, Filo de Larissa, em pelo menos uma de suas fases filosóficas, teria concordado com a acatalepsia acadêmica mas concluído pela inviabilidade da *epochè*. Dom Casmurro manteria assim sua crença na infidelidade não obstante diagnosticar—como Filo de Larissa—a falta de fundamentação epistêmica de sua crença.

Não poderia também me furtar de comentar a avaliação negativa do ceticismo em Machado feita por Margutti, que retoma não só Vieira de Mello mas a maioria dos estudiosos de Machado.<sup>31</sup> Tomando sobretudo Aires como modelo, Margutti caracteriza o pensamento de Machado como um “pessimismo cético estetizante”, pensamento de “aprendiz de morto”, sem serventia para a maioria das pessoas que são jovens e não velhos como o Aires. Em primeiro lugar este juízo não faz justiça à evolução do ceticismo ao longo da segunda fase da ficção machadiana, sempre em busca de uma maior consistência e viabilidade. Há um processo de retorno ao mundo exibido pelo narrador cético de Machado, que começa com o defunto-autor Brás Cu  passa pelo autor retirado Casmurro, para chegar, finalmente, ao

Conselheiro Aires que é um cético que pode, afinal, viver o seu ceticismo, em que pese os limites desta vida. Em segundo lugar, como busco mostrar no meu livro, o aspecto cognitivo exibido por Aires apresenta uma racionalidade cética que supera as aporias do pensamento dogmático e representa uma alternativa tanto à vida não examinada como ao exame dogmático que, além de epistemologicamente sem fundamento, é moralmente problemático por cair num mesmo vício da vida não examinada: o opiniatismo. Este segundo ponto me remete ao comentário de Gustavo Bernardo, que ressalta na atitude cética de Aires aspectos bastante positivos, como a tolerância (historicamente associada ao ceticismo) e o conhecimento de si, característico da tradição socrática: “O Conselheiro Aires escuta bem mais do que fala, obrigando o interlocutor a escutar a si mesmo e, portanto, a curar a si mesmo”.<sup>32</sup>

Concluo com duas outras observação sobre o comentário do Gustavo Bernardo. A primeira é sobre Félix de *Ressurreição*. Ainda acho que este personagem está mais próximo do “homem de espírito” do que do “tolo”. Diferentemente deste último, não adota uma perspectiva pragmática e manipuladora—em contraste com Luís Batista—nem consegue realizar o seu projeto afetivo. “Félix é essencialmente infeliz” (OC I, 193). Compartilha a sorte dos demais homens de espírito deste momento da ficção machadiana em que a alternativa de “paz doméstica” através do casamento com “mulheres de espírito” não tem mais lugar. O homem de espírito torna-se então um personagem problemático (louco ou suicida) ou fraco, um espírito fraco: “pusilânime e visionário” (OC I, 193). Entretanto, se por um lado o homem de espírito é fraco, por outro a vida exterior é hegemônica, pois faz-se presente também na intimidade doméstica. Esta aparece então marcada por uma ambiguidade que causa dúvidas no homem de espírito. Tanto é assim que Félix—como os homens de espírito dos primeiros contos—propõe uma vida retirada a Líva. A recusa desta seria porque percebe em Felix um espírito fraco, incapaz de se desfazer das dúvidas mesmo numa perfeita paz doméstica retirada de toda “vida exterior”, como alega, ou porque o casamento seria também para ela—como para a maioria das personagens femininas deste período, o ressurgimento/ressurreição da vida exterior?<sup>33</sup> O diagnóstico final do narrador parece apontar nesta direção: “Não se contentando com a felicidade exterior que o rodeia, [Félix] quer haver essa outra das afeições íntimas, duráveis e consoladoras” (OC I, 193).

A segunda observação diz respeito à interpretação irônica da crônica em que Machado confessa-se pessimista ao invés de cético. Acho pertinente a observação de Gustavo Bernardo que a passagem contém um elogio ao ceticismo, embora contenha também um reconhecimento da dificuldade de se ser cético. Aires seria o cético que Machado gostaria de ser (ou que de fato era, mas não assume *propria persona* em sua crônica). De fato, um dos principais resultados do meu livro é mostrar que Aires é a versão final de um personagem buscado por Machado desde os seus primeiros contos. Vimos, por exemplo, que Dom Casmurro não consegue suspender o juízo apesar de verificar a falta de fundamento epistemológico das crenças. De toda forma, no caso da passagem da crônica ser lida literalmente (como tende a fazer Margutti, contrariamente a Gustavo Bernardo), cabe notar, primeiro, que o ceticismo que tematizo na ficção é adotado por personagens, não sendo imediata sua atribuição à Machado. Em segundo lugar, quando contextualizamos a crônica no desenvolvimento da perspectiva cética na ficção verificamos que ela foi escrita após as *Memórias Póstumas* e pouco antes de *Dom Casmurro*. A referência à visão de Pangloss sobre a finalidade do

nariz é também citada nas *Memórias Póstumas* (OC I, 563), obra mais pessimista de Machado, apresentando um ceticismo mais limitado mas que, de toda forma, tem como um dos seus principais alvos a teodicéia, tanto a cristã de Pangloss, caricatura que Voltaire faz de Leibniz, como a secularizada de Quincas Borba. O pensamento e a forma na/da ficção machadiana evolui para um ceticismo mais denso e coerente com *Dom Casmurro*. Considerando que o ceticismo e sua viabilidade se intensificam ainda mais com Aires, cabe especular se, na hipótese de Machado ainda estar mantendo uma atividade regular de cronista e voltasse a este tema, se não faria uma inversão, reconhecendo suas linhas como mais céticas do que pessimistas.

## Notas

1 Esta questão foi amplamente debatida na polêmica que travei com Richard Bett na revista *Manuscrito*, Vol. 19, Fascículos 1 e 2, pp. 257-284 e 225-235.

2 Para citar somente um exemplo conhecido: o “ceticismo pirrônico” de que fala Hume na *Investigação sobre o Entendimento Humano* (Seção XII, Parte 3) não se identifica com o pirronismo antigo.

3 Exceto esta alteração no título e a supressão de algumas passagens da Introdução, a edição brasileira é fiel ao texto original.

4 Dissertação de Mestrado em Filosofia, defendida na PUC-Rio em 14 de julho de 1987 sob orientação do professor Eduardo Jardim de Moraes. O trabalho contou também com valioso e generoso auxílio de dois grandes estudiosos do ceticismo: os professores Danilo Marcondes e Oswaldo Porchat.

4 A perspectiva cética é adotada sucessivamente por Brás Cubas (nas *Memórias Póstumas*), Bento Santiago (em *Dom Casmurro*) e pelo Conselheiro Aires (em *Esau e Jacó* e no *Memorial de Aires*). No prólogo da terceira edição das *Memórias Póstumas*, respondendo a duas críticas feitas ao romance, Machado de Assis cita o próprio Brás Cubas e afirma: “Não digo mais para não entrar na crítica de um defunto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo”. (Machado de Assis, *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962, Vol. I, p. 510). Penso que esta autonomia que Machado dá a seu autor-ficcional Brás Cubas pode ser estendida aos dois outros autores-ficcionais dos seus romances. Todas as citações de Machado serão desta edição, abreviada nas referências como OC, com os números do volume e da página.

5 Baseando-nos na leitura que faz Margutti do pensamento colonial brasileiro, podemos inferir que o ceticismo preponderava neste período, embora fosse, obviamente, um ceticismo bem distinto dos que encontramos entre filósofos brasileiros contemporâneos. O pensamento cético (e sobre o ceticismo) brasileiro atual está sendo documentado nos artigos publicados ou republicados nesta revista.

6 “O Anjo Rafael”—lamentavelmente não incluído nas obras completas—foi publicado por Machado sob o pseudônimo de Vitor de Paula no *Jornal das Famílias* em 1869. O conto foi reunido a outras da mesma época por Magalhães Júnior no volume *Contos Esparsos* (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1956), pp. 15-57.

7 As condições extraordinárias figuram a ação sobrenatural da graça. Pouco antes de cometer suicídio o personagem recebe a vístia de um desconhecido que o insta a acompanhá-lo até uma casa afastada. Trata-se da casa do Anjo Rafael que o requisitou para casar-se com a sua filha.

8 Concordo plenamente com o Margutti sobre a centralidade deste texto bíblico para a visão de mundo machadiana.

9 Este conto, como os demais citados deste período, não foi incluído nas obras completas provavelmente por destoar do pessimismo não salvacionista, portanto muito mais intenso, do Machado pós *Ressurreição*.

10 Magalhães Junior, org. *Contos Recolhidos* (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1956), pp. 86-87.

11 Sobre esta afinidade, ver Terence Penelhum, *God and Skepticism* (Dordrecht: Kluwer, 1983).

12 Sexto Empírico, *Outlines of Pyrrhonism*, trad. R. G. Bury, Loeb Classical Library (Cambridge: Harvard U. Press, 1925), PH I, 1-3.

13 Elisa Serpa, “O Narrador Cético na Segunda Versão” in Ivo Barbieri (ed.), *Ler e Reescrever Quincas Borba* (Rio de Janeiro: Eduerj, 2003), pp. 59-81. Mesmo que, como argumenta Serpa, o narrador da segunda versão assuma um foco narrativo mais restritivo—portanto mais cético—do que o da primeira, mesmo o da segunda me parece onisciente. A autoridade onisciente do narrador da segunda versão é afirmada logo nas primeiras linhas do romance: “Rubião fitava a enseada, — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa” (ênfase adicionada) (OC I, 641).

14 Paulo Margutti busca conciliar a sua interpretação de *Quincas Borba* com a exigência formal atribuindo a narrativa à Brás Cubas. Embora tal atribuição seja um tanto especulativa, ela tem o mérito de apontar para a necessidade de se levar em consideração as *Memórias Póstumas* no exame do romance. Sem poder desenvolver esta análise aqui, penso que a chave para a compreensão de Rubião é, por contraste, Brás Cubas. Ambos têm em comum o fato de terem sido discípulos (os únicos) do filósofo Quincas Borba. Entretanto, ao passo que Brás Cubas, ao tornar-se defunto autor, rompe radicalmente com esta filosofia dogmática, refutando-a nas suas memórias, Rubião morre discípulo extremado do filósofo, louco como o mestre, reforçando assim a relação entre loucura e dogmatismo.

15 Erasmo, *Opera Omnia*, 10 vols, Hildesheim: Olms, vol. 4, p. XXX. O título, a forma e boa parte do conteúdo do conto de Machado “Elogio da Vaidade” derivam do “Elogio da Loucura” de Erasmo.

16 Esta divisão é feita pelo próprio Machado. Por exemplo, no prefácio de uma nova edição de *Ressurreição* diz que este romance “como outros que vieram depois, e alguns contos e novelas de então, pertencem à primeira fase da minha vida literária” (OC I, 114).

17 Pascal, *Pensamentos* La 113 e La 114: “A grandeza do homem é grande por ele conhecer-se miserável; uma árvore não se conhece miserável. / É então ser miserável conhecer(-se) miserável, mas é ser grande conhecer que se é miserável” (trad. Mário Laranjeira, São Paulo: Martins Fontes, 2001).

18 Recentemente constatei que o Gabinete Português de Leitura, biblioteca que Machado frequentou assiduamente, possui as obras de Sanches. Suponho, entretanto, que Machado não lia latim.

19 Jean-Michel Massa, “A Biblioteca de Machado de Assis” in José Luis Jobim, org., *A Biblioteca de Machado de Assis* (Rio de Janeiro: ABL e Topbooks, 2001), p. 76.

20 Ver, por exemplo, Richard Popkin, *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*, trad. Danilo Marcondes (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000), pp. 80-87.

21 O próprio Brás Cubas diz que sua obra é “supinamente filosófica” (OC I, 514) e que numa autobiografia como a sua, isto é, filosófica, só entra “a substância da vida” (OC I, 542).

22 Mesmo no episódio sobre a morte miserável do Manduca, o foco é sobre a disputa opiniática sobre a vitória ou não de Napoleão na Rússia travada entre Bento e o amigo. O memorialista cético casmurro conclui o seguinte sobre o episódio: “Quanto ao Manduca, não creio que fosse pecado opinar contra a Rússia, mas, se era, ele estará purgando há quarenta anos a felicidade que alcançou em dois ou tres meses, — donde concluirá (já tarde) que era ainda melhor haver gemido somente, sem opinar coisa nenhuma” (OC I, 896).

23 Este é um tema central e de fundo da “Apologia de Raymond Sebond” (*Ensaio*, II.12) de Montaigne.

24 O fragmento é incluído em grego e em inglês, além de comentado, em A. Long e D. Sedley. *The Hellenistic Philosophers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. [Aristocles (Eusebius 14.18.1-5)]

25 «[Os olhos de Capitu] [t]raziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca” (OC I, 841). A caracterização de Capitu se vale da metáfora do fluxo que é central na tradição cética, do *Teêteto* de Platão à conclusão da *Apologia de Raimond Sebond* de Montaigne.

26 Embora as fontes principais do ceticismo de Machado tenham sido Montaigne e Pascal, pensadores que não tematizam—exceto tangencialmente Pascal—o chamado “ceticismo sobre outras mentes”, Machado conhecia o ceticismo cartesiano. Além de possuir uma edição de obras escolhidas de Descartes (ver J-M Massa, “A Biblioteca de Machado de Assis” in *op. cit.*, p. 76), faz referência à dúvida e ao *cogito* de Descartes no conto “Ex Cathedra” (OC II, 460).

27 Cabe aqui responder à outra objeção feita pelo Margutti sobre outro assunto mas que se aplica também ao em questão: não faço uma “generalização indevida” ao falar em precariedade das crenças em geral e não me ater somente à crença na infidelidade de Capitu. Trata-se de uma crença exemplar, exatamente como Capitu é exemplar da vida e do mundo, tese com a qual Margutti está de acordo. Trata-se afinal de um romance onde as posições filosóficas não são apresentadas de acordo com a metodologia filosófica, mas através de metáforas ficcionais.

28 Entretanto, não afirmo em meu livro que *Esau e Jacó* faz parte do Memorial.

29 “—Chega a propósito, conselheiro ... Que pensa o senhor da cabocla do Castelo?” [vidente que Natividade havia consultado]. Aires não pensava nada, mas percebeu que os outros pensavam alguma coisa, e fez um gesto de dois sexos. Como insistissem, não escolheu nenhuma das duas opiniões [a favor ou contra a cabocla], achou outra, média, que contentou a ambos os lados, coisa rara em opiniões médias. ... Mas este Aires ... tinha que nas controvérsias, uma opinião dúbia ou média pode trazer a oportunidade de uma pílula, e compunha as suas de tal jeito, que o enfermo, se não sarava, não morria, e é o mais que fazem pílulas” (OC I, 963). A manipulação de opiniões “dúbias” tem claramente um propósito terapêutico que, no entanto, difere do pirrônico uma vez que Aires é mais pessimista do que o cético antigo quanto à produção efetiva da *époche* que permanece como um ideal.

30 Cícero, *Academica*, edição bilingue traduzida para o inglês por H. Rackham (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994). I.45.

31 Afrânio Coutinho, por exemplo, afirma que “o pessimismo machadiano revela-se nas criações artísticas, através de um ódio radical da vida e da humanidade, uma ausência total de simpatia para os homens e de confiança neles, uma indiferença completa para os seus sofrimentos, amarguras e desesperos. É essa a tonalidade geral da sua obra, a nota permanente de sua interpretação do mundo, essa falta de generosidade no julgar os homens e a vida”. (“Estudo Crítico” in OC I, 40).

32 No artigo “The Skeptical Paradox in Machado de Assis”, Gustavo Bernardo faz um diagnóstico lapidar da recepção negativa pela crítica do ceticismo machadiano. Este diagnóstico está muito bem expresso no “abstract” do artigo: “This article discusses the issue of skepticism in Machado de Assis’ work. The difficulty of dealing with the skepticism of our ‘greatest author’ persists as long as one assumes that Machado was great in spite of having been a skeptic. ... We assume that Machado is one of the most important Brazilian writers precisely because of a skepticism that does not imply disbelief but which does imply a suspension of common sense and therefore of reason, obliging the reader to also leave his interpretation unconcluded” (G. Bernardo Krause, “The Skeptical Paradox in Machado de Assis”, *Portuguese Literary & Cultural Studies* 13/14 (2004/2005): 227-247).

33 Conferir, por exemplo, o caso de uma outra viúva, Angela, personagem do conto “Antes que cases”, aparentemente alheira à vida exterior mas que se vale do casamento justamente para nela reingressar. Ref?